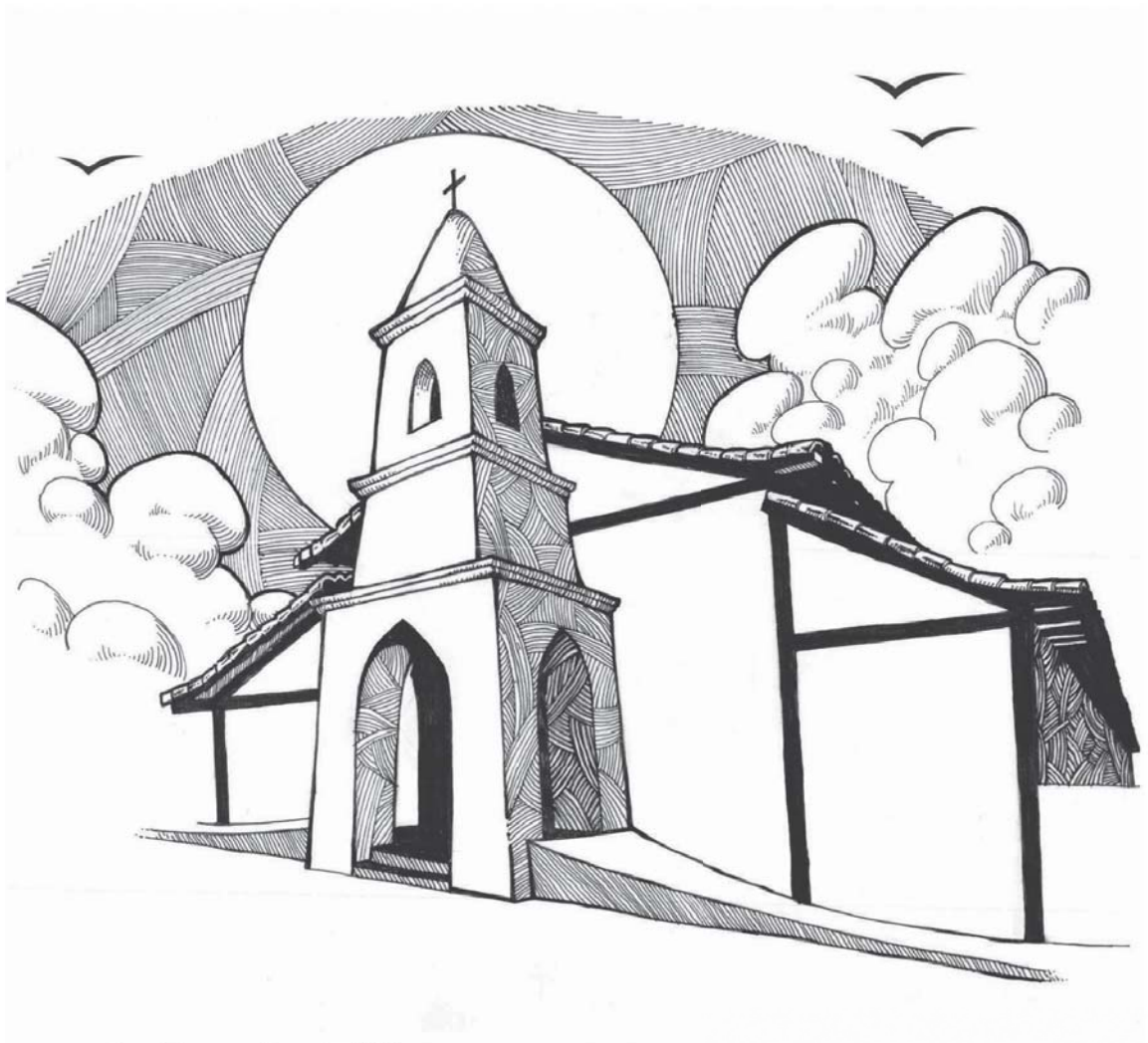


TERRAS DO SENHOR DO BONFIM



Orlando Filho

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

INTRODUÇÃO

O objetivo desse livro, obviamente, é tentar contar a história de Bonfinópolis de Minas. Provavelmente acontecerão erros e talvez até injustiças com a história da cidade e com algumas pessoas, porém, toda a pesquisa foi feita de forma exaustiva, com muito cuidado e zelo, buscando ouvir fontes das mais variadas no intuito de ser o mais fidedigno possível à realidade.

Além de documentos escritos, tive como fontes as pessoas mais antigas, que viveram a história. E não é de se estranhar a menção a seus nomes no decorrer da leitura, pois foram elas que ajudaram a construir e dar sequência a todo enredo.

Esse livro não tem nenhum compromisso com as formalidades dos livros históricos, foi escrito com a ampla liberdade. No entanto, respeitou os fatos, dados, datas, os personagens, enfim, respeitou a própria história.

De antemão, deixo meu agradecimento a todos que tiveram a paciência de serem entrevistados por mim. Em especial a dona Marinha Peixoto, que me impressionou com a clareza de suas memórias.

O AUTOR





O COMEÇO - Evolução histórica



Igreja das Lages

A história da cidade de Bonfinópolis de Minas se inicia com o distrito de Lages. O arraial de Lages surgiu em meados do século XIX e pertencia à Comarca de Paracatu. A elevação a distrito se deu pela Lei Provincial número 1627 de 6 de novembro de 1869 e pela Lei Estadual número 2 de 14 de setembro de 1891. Foi o primeiro centro de povoação e desenvolvimento da região.

Segundo as palavras do escritor e historiador paracatuense Oliveira Mello, em seu livro *A igreja de Paracatu nos caminhos da história*, “Lages teve origem numa fazenda de criar e era banhada por uma vereda que lhe emprestou o nome, ficando em um chapadão de clima salubre e de formosos horizontes. Logo veio a capela, muitas casas se construíram. O então povoado se transformou em vila e passou a ter o seu Cartório de Registro e o seu Juiz de Paz”.

A vila de Lages possuía uma igreja de dimensões importantes para a região. Tal igreja foi construída por volta de 1865, sendo a primeira igreja construída no município de Bonfinópolis de Minas. O seu construtor foi José Severino Botelho, carpinteiro, ferreiro e marceneiro, designado pelos padres de Paracatu para a construção do templo. A atual igreja foi construída no local da antiga capela. Esperava-se que tal igreja reproduzisse em escala menor a igreja matriz de Paracatu. Durante algum tempo ela se encontrou abandonada. Hoje, restaurada, permanece impávida, desafiando o tempo e guardando suas inúmeras histórias que vão se diluindo com o passar do tempo.

Assim como acontecia na origem de outras cidades brasileiras, após surgir uma aglomeração de pessoas em um determinado lugar, erigia-se uma capela e em torno dela começava-se a desenhar uma pequena cidade. Os estudos realizados pelos integrantes do Dossiê de Registro de Bem Imaterial de Bonfinópolis de Minas constataram que possivelmente foi assim também com o povoado de Lages.

No mesmo dossiê podemos ler: “Assim como a maioria das vilas mineiras, o povoado de Lages cresceu a partir de uma motivação econômica, mas a igreja teve papel preponderante ao lado do comércio para a implantação das bases de um núcleo populacional. Francisco Iglesias, em seus estudos sobre o início do povoamento de Minas Gerais, teceu a seguinte observação: pode-se alegar que o comércio surgiu para atender a mineradores, mas ele é que explica a concentração populacional. Ao lado do comércio, a igreja: as funções religiosas, com missas, batizados, casamentos,

exéquias, festas, atraíam o povo. Alguma capela é sempre referência na origem das cidades.”

Nas palavras de Olympio Gonzaga tem-se a seguinte descrição do povoado de Lages em meados do século XIX:

“O arraial, que está collocado em um chapadão, de clima salubérrimo, de formosos horizontes, um cemitério cercado de estaqueado, sobre uma collina, tem para mais de 30 casas e ranchos, uma boa capella e uma escola publica do sexo masculino, hoje vaga. Distante oito léguas das Lages, encontra-se o arraial de Bom-Fim, com cerca de 30 casas, na clareira de um serrado ou caatinga, com boa capella, onde se realisam, todos os annos, pomposas festas, concorridas por centenas de romeiros de vários sitios. A séde teve por origem antiga fazenda de criar, que, possuindo muitas casas e uma capella, foi elevada a districto pela Lei Provincial n. 1627, de 6 de novembro de 1869, sendo na mesma data marcada os seus limites. A escola publica do logar, que raramente está provida, foi creada em 1882. A industria agricola esta bastante desenvolvida e ainda mais a pastoril. A exportação do districto consta do muito gado bovino, cerca de duas mil cabeças por anno, animaes cavallares, suinos, borracha, couro, sola, toucinho e cereaes. Quando a Camara Municipal mandar concertar as estradas que vão para este districto, o commercio das Lages com Paracatú será maior do que o actual e seus habitantes terão mais gosto em desenvolver muitas industrias amortecidas pela difficuldade de exportação em carros, como fazem os outros districtos.”

(GONZAGA, 1910. p. 90 - 91)

A criação do povoado e posteriormente do distrito de Lages só aconteceu devido à existência da cidade de Paracatu, sobre a qual podemos ler breve histórico retirado do documento Dossiê de Registro de Bem Imaterial de Bonfinópolis de Minas:



“Com a descoberta do ouro em Minas Gerais” no final do século XVII, houve um grande fluxo migratório de aventureiros para a região em busca de enriquecimento rápido. Preocupada com o enorme aumento populacional em sua colônia e com o possível extravio aurífero, a Coroa Portuguesa tomou medidas para manter o controle social sobre a região, edificando, desde a década de 1710, as primeiras vilas e divisões administrativas correspondentes, enquanto as rotas de escoamento dos metais preciosos foram fortemente vigiadas pelas guardas armadas e a capitania foi isolada das demais.

No entanto, a região Noroeste de Minas, à margem esquerda do Rio São Francisco até o limite do Rio Carinhanha, não foi ocupada no período devido às várias barreiras naturais, à insalubridade da região e à hostilidade dos índios Cariris e Cururus, especialmente estes últimos, apelidados pelos desbravadores de “roncadores”, por sua expressividade fortemente gutural de sua língua.

Em apenas cinco anos as minas goianas tornaram-se deficitárias e a Metrópole resolveu criar a Capitania de Goiás, desmembrando-a de São Paulo, e nomeando como seu primeiro governador D. Marcos de Noronha. No entanto, o povoado formado no Noroeste de Minas continuou a se desenvolver, provocando a sua emancipação em 20 de outubro de 1798 da Comarca do Rio das Velhas, passando a ser conhecido como Paracatu do Príncipe, em homenagem ao aniversário de D. João VI. Mais tarde, em 1815, é formada a Comarca de Paracatu, incorporando ao seu território o Alto Paranaíba e o Sertão da Farinha Podre, atual Triângulo Mineiro, se constituindo como uma enorme região, limítrofe de Goiás, Pernambuco, Bahia, São Paulo e Mato Grosso.

Com o esgotamento do ouro nas lavras de Paracatu, centenas de famílias começaram a adentrar ao sertão, colonizando o



noroeste de Minas, formando fazendas de criar, plantando, aproveitando as vastas terras com seus inúmeros rios. Aglomerações foram surgindo, igrejas foram sendo construídas e cidades sendo criadas. Possivelmente, assim surgiu o povoado de Lages.

No distrito de Lages, uma grande festa religiosa movimentava toda região, onde durante quatro dias eram festejados Santo Antônio, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição, as maiores devoções dos habitantes do lugar. Vinham músicos de Paracatu para tocar no coro da igreja. Os festeiros eram escolhidos um ano antes para preparar toda a festa. Vinham pessoas de toda a região. Inúmeros eram os carros de bois que chegavam transportando gente de todos os lugares para tão famosa celebração. Centenas de cavaleiros, ostentando em seus cavalos as mais belas arreatas, chegavam cheios de alegria para louvar os homenageados e se divertirem com os amigos. Realizavam-se, na época, inúmeros casamentos e batizados. Além das missas, havia as procissões em homenagem ao santo do dia e levantamento de mastro.

Era uma festa muito bonita com a rainha, uma mulher que se vestia a caráter, e um homem vestido com capa e com uma coroa na cabeça representando o Divino Espírito Santo. Dois grupos de cavaleiros, carregando as bandeiras dos santos homenageados, cavalgavam em sentido contrário, davam três voltas em torno da igreja, sempre se referenciando ao se encontrarem pelo caminho, o encontro dos cavaleiros, para finalmente pararem todos na porta da igreja, quando, então, começaria a esperada missa. Tal festa foi suspensa no período compreendido entre 1973 a 1998 pelo Frei Humberto, que alegava comportamento inadequado de muitas pessoas devido à alta ingestão de bebidas alcoólicas.

A alegação de Frei Humberto parecia ter fundamento. Abaixo segue interessante relato de Frei Bertoldo, retirado do Livro de Tombo da Paróquia e escrito em junho de 1952:

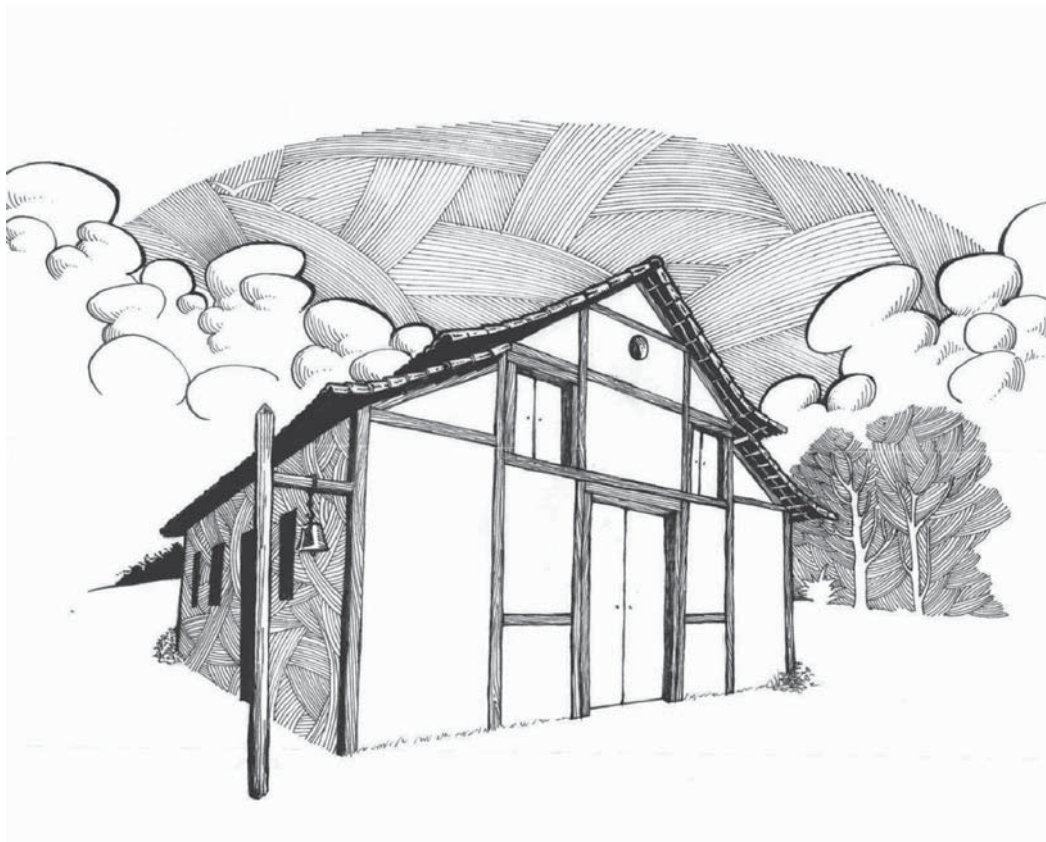




www.editorapenalux.com.br



biokarak@hotmail.com



Livros iluminam

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Soft 80g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em setembro de 2021.